

O CORPO OLÍMPICO NO CUBO D'ÁGUA

Andressa Vilha Oliveira¹
Giuliano Gomes de Assis Pimentel²
Johanna Coelho Von Mühlén³

RESUMO

O corpo olímpico se inscreve como um corpo referência e em constante transformação; um caleidoscópio de atribuições sócio-culturais, ocupando um espaço peculiar tanto no passado quanto no presente. Nesse sentido, buscou-se pensar nas possíveis representações dos corpos dos nadadores olímpicos de 2008 veiculadas pelo site Terra. Para tanto, a metodologia adotada foi a análise de conteúdo de 391 fotos e suas respectivas legendas acerca da temática aqui proposta.

Palavras-chave: corpo olímpico; natação; site Terra.

INTRODUÇÃO

Na (re) construção histórica da cultura ocidental, o corpo se tornou um reduto de significações elaborado socialmente. É ele quem marca e demarca o emaranhado

simbólico da cultura humana. Conforme as mudanças contextuais ocorrem, o corpo também se modifica por e com elas. Certeau (1982, p. 180 apud SANT'ANNA, 2000, p. 50) diz que “[...] cada cultura tem seu corpo assim como ela possui a sua língua”.

-
- 1 Professora de Natação da Secretaria de Esportes e Lazer de Valinhos-SP. Especialista em Natação e Atividades Aquáticas pela Universidade Gama Filho - UGF. Contato: andressa_vilha@hotmail.com
 - 2 Professor Adjunto da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Mestre e Doutor pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e Pós-Doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Contato: ggapimentel@uem.br
 - 3 Especialista, Mestre e Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Contato: johanna.coelho@hotmail.com

Ainda, Sant'Anna (2003) indica que os padrões de corpo constituem a identidade corporal de cada indivíduo, assim como, essa identidade se modifica no tempo, constituindo diferentes valores da, e para a sociedade. Nesse sentido, igualmente o corpo dos atletas olímpicos foi se transformando e (re) criando novos padrões.

As Panatéias, primeiros Jogos Olímpicos, têm os seus primeiros registros no século VIII a.C., sendo realizados a cada quatro anos entre as cidades-estado da Grécia Antiga, obtendo o poder de interromper batalhas para que fosse possível a sua celebração. Aliada a programação esportiva que consistia de jogos e lutas, havia cerimônias religiosas e grandes celebrações em oferta aos Deuses do Olimpo (PIPINIS, 2006).

Seu advento teve Olímpia como palco e a consagração do Deus Zeus ao evento esportivo. Os ideais helênicos, que constituíram a base da cultura ocidental, apresentavam-se na harmonia das formas, na beleza física, no equilíbrio mental, na ética e na moral do homem. Os jogos eram restritos aos cidadãos, com exceção das mulheres - até como espectadora - e dos indivíduos que tivessem cometido algum crime, tendo como personagens os atletas, o público e o poder constituído. A busca dos atores em cena era a celebração com o divino, almejando tornarem-se semideuses, e se apropriavam da pintura e da escultura para a imortalidade (ALVARENGA, 2004).

Os Jogos foram perdendo a sua importância até serem interrompidos por volta de 393 d. C pelo imperador Teodósio por considerar a prática esportiva festas pagãs (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Mesmo assim, na Idade Média, considerada a era obscura, os corpos não deixaram de movimentar possibilidades,

sendo até mesmo uma intervenção à ideologia dominante, ou seja, a cristã.

O período histórico da Renascença que assinala o fim da Idade Média e início da Idade Moderna foi marcado por novos olhares “[...] ao tratamento dispensado pelo homem ao corpo e criou as bases científicas que estariam por vir. Mais do que um retorno ao pensamento clássico é antes de tudo um reencontro do homem com sua corporeidade em uma sociedade mercantil” (ALVARENGA, 2004, p.16). Novas formas de trocas de mercadorias foram sendo trilhadas, do escambo ao feudalismo, até a implantação do sistema capitalista.

Antes da primeira apresentação em 1892 do projeto dos Jogos Olímpicos da Era Moderna pelo Barão Pierre de Coubertin (PIPINIS, 2006), houve outras tantas tentativas significativas de sua realização datando a França Revolucionária com o seu slogan: *Liberté, Egalité, Fraternité*. Isto, pois, indícios de formarem cidadãos fortes e saudáveis já se faziam presentes nas políticas públicas.

Cidades europeias do século XVIII apresentavam traços urbanos que corroboravam com a aquisição do corpo saudável e higiênico a fim de deslocar-se livremente. A preocupação das autoridades em desenvolver um corpo saudável não se restringia aos trabalhadores, mas intencionava também o desenvolvimento de hábitos de disciplina e de liderança aos jovens da classe emergente, a burguesa, que seriam os futuros líderes políticos (RUBIO, 2002).

No século XIX, “[...] o desenho urbano tinha como propósito a reconstrução dos espaços destinados à velocidade, capazes de permitir a circulação de grande número de indivíduos, bem como impedir a reunião de grupos ameaçadores” (MENDES, 2004, p. 88). A aceleração do

tempo na modernidade remete ao ritmo da produção industrial em prol da produtividade, do lucro. É nesse contexto de sociedade urbana e industrial que o esporte contemporâneo emergiu e desenvolveu, adaptando-se as mudanças políticas e sócio-culturais (RUBIO, 2002).

Foi a partir do século XX que o corpo começou a ser descoberto a fim de ser (re) modelado, enquadrado, padronizado. A priori o corpo humano foi apropriado pela ideologia higienista que objetivava a regeneração da raça, depois pelas indústrias do cosmético, da moda, da publicidade e de Hollywood (CASTRO, 2005). Já no século XXI, de maneira mais contundente, a saúde se tornou a meta universal do homem em prol da manutenção da esfera financeira.

Assim situado histórica e culturalmente, a questão norteadora do presente trabalho foi: Quais as possíveis representações de corpos dos nadadores olímpicos de 2008 veiculadas pelo site Terra?

A mídia se caracteriza enquanto um dos espaços de disputa de poder que contribui ativamente no constructo da identidade do ser humano, por representar uma sociedade que se baseia no consumo ilimitado e insaciável, porém historicamente situado. Assim, é que simbolizamos o que nos cerca (VOTRE, 1998).

A função e a dinâmica social das representações é orientar as ações e as trocas quotidianas e construir uma visão consensual da realidade para um grupo específico, sempre localizado e datado. As representações sociais intervêm poderosamente na difusão e assimilação de conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações

sociais (JODELET, 1989 apud VOTRE, 1998, p. 25).

A apropriação dos Jogos como evento pertencente na e para a sociedade contemporânea se tornou possível pela gama de recursos tecnológicos midiáticos disponíveis para a veiculação de informações desportivas. Recursos como o marketing se mostram eficientes por se constituir de nuances simbólica ao fomentar desejos, idolatrar personagens que devidamente contextualizados se tornam ícones, divulgar estilos *apropriados* de vida.

Os jornais, rádio, revistas, cinema e televisão constituem marcos históricos e sociais na história das mídias. Desde seu advento, em que o público receptor das mensagens era tido como homogêneo – e isso configurou o que foi denominado comunicação de massa –, até as novas tecnologias na sociedade contemporânea, os processos comunicativos das mídias geram códigos (BRIGGS; BURKE, 2004 apud SANTOS; MEDEIROS, 2009).

Não mais homogêneo, mas não tão menos padronizado, o início dos anos 90 foi marcado pelo uso da internet com finalidades jornalísticas, sendo que, contemporaneamente se tornou o meio midiático mais eficaz por ser capaz de *incluir* o maior número de pessoas possíveis em diferentes tempos e espaços. Possibilitando assim, transmitir e informar fatos em *tempo real*, marco histórico das manifestações da comunicação humana. Foi nesse cenário midiático que o grande espetáculo desportivo, os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, entre as nações pôde ser o mais visto de todos os tempos, segundo o COI (Comitê Olímpico Internacional).

As informações disponibilizadas na internet apresentam peculiaridades instigantes em relação à tradição do telejornal e do jornal escrito. A priori, o ritmo da produção é acelerado, resignificando a percepção de tempo e espaço. Ainda, pode ser *lida* conforme interessar aos olhos do leitor, num dado ritmo, formando um quebra-cabeça singular.

Partindo da reciprocidade entre a construção midiática e o corpo olímpico, buscou-se dialogar com a bibliografia disponível e as 391 fotos e legendas acerca da natação olímpica divulgadas pelo site Terra durante a XXIX edição dos Jogos Olímpicos de Pequim que ocorreu entre os dias 08 e 24 de agosto de 2008. Para o presente artigo, elencou-se 10 fotos que sintetizam a proposta acima exposta.

As Olimpíadas retratam a história do mundo, com representantes de diferentes povos e culturas, num espaço onde podem ser aferidos do que os seres humanos são capazes, uma vez que podem representar a superação de barreiras nacionais e a celebração da humanidade, como uma competição exacerbada entre nações, raças e ideologias. Tanto o talento e a capacidade da raça humana, quanto o desejo de glória individual a derrota do outro. Do esporte pelo amor ao esporte e saúde, ao esporte pelo retorno financeiro (lucro). [...] O corpo olímpico e suas performances, encarnado nos atletas de diversas nacionalidades, antes de serem exibidos passam por uma grande negociação envolvendo vários interesses de agentes e instituições “comprometidos na concorrência pela produção e comercialização das imagens e discursos sobre os jogos” (COI, ADIDAS, NIKE...). Uma verdadeira batalha. Os jogos são, sobretudo, um instrumento da comunicação, na linguagem do marketing (ALVARENGA, 2004, p. 14-15).

Vale ressaltar que, o próprio olhar do fotógrafo está situado histórica e culturalmente na sociedade ocidental, capaz de produzir e reproduzir o parâmetro pré-estabelecido no *modus vivendi* hegemônico, mantendo dessa forma a essência do sistema capitalista.

A estratégia metodológica utilizada foi a análise de conteúdo por ser possível que as características categoriais fossem selecionadas, analisadas e elencadas a partir do que as fotos suscitaram. Buscando assim, identificar o conteúdo implícito da comunicação visual, no caso específico, as fotos disponibilizadas no site Terra durante a edição dos Jogos de Pequim.

Bardin (1994) sugere que a análise de conteúdo se ampare nas frequências das características categoriais previamente agrupadas, as quais se respaldaram na questão norteadora deste trabalho. Assim, não é a linearidade que se impera na lógica dos fatos, mas a repetição de ângulos, fatos e informações narrados conforme os interesses da indústria cultural.

Também foi levada em consideração a acepção de Bourdieu (1990 apud STIGGER, 2002) acerca da “elasticidade semântica”, a qual concebe a possibilidade de diferentes perspectivas esportivas utilizadas pelos indivíduos que podem ser opostas ao sentido social e cultural dominante. Ou ainda, opostas ao que a análise aqui realizada suscitou.

Por fim, este estudo se torna justificável por estar inscrito no corpo humano, em especial no corpo olímpico por ser um corpo referência e em constante transformação, um caleidoscópio de atribuições sócio-culturais, ocupando um espaço peculiar tanto no passado quanto no presente. Almejando assim, contribuir

para a intervenção profissional quando em contextos (d) esportivos.

O NADADOR OLÍMPICO EM FOTO

Na sociedade contemporânea o esporte é referencial de sucesso e glória pela exposição do corpo atlético e de seu rendimento. “Como prática amplamente aceita e apoiada pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade civil, ele se faz presente como expressão inequívoca da indústria cultural, constituindo, como espetáculo de grande público, fonte de entretenimento privilegiada” (VAZ, 2005, p. 25).

A dissidência encontrada no material empírico foi maior entre *vencedor* e *vencido* a de qualquer outra categoria em jogo. Tal fato se deve a valorização exacerbada da vitória pela sociedade (SILVA; RUBIO, 2003). Ao observar o desporto individual, mesmo tendo provas de revezamento, a natação se caracterizou nitidamente enquanto um confronto entre indivíduos e nações.

O deslumbramento veio de atletas que competem individualmente: Michael Phelps, Usain Bolt, e Yelena Isinbayeva, consagrados fenômenos em Pequim. A glorificação do nadador foi pelas oito medalhas de ouro conquistadas numa mesma edição olímpica, superando o seu conterrâneo Mark Spitz que em 1972 ganhou sete medalhas douradas. Segundo Soares (2007, p. 75 apud SANTOS; MEDEIROS, 2009), “É na capacidade de chegar onde nenhum outro humano jamais chegou que reside o esporte de alto nível”.

Eles são estrelas e praticamente imbatíveis. Entre os 11.990 esportistas que disputam a Olimpíada, três destoam. São superatletas. Para eles a vitória é uma certeza. (...) Ainda faltavam poucos metros para a chegada quando Usain Bolt já

sabia que era campeão (...) Poucos metros dali, poucas horas antes, lá estava outro monstro fazendo história: Michael Phelps. (...) Também tem olhos azuis, corpo escultural, simpatia rara. Pois é. É o diferencial dentro do diferencial. Além de talento ímpar, a russa (Yelena Isinbayeva) tem mais. É bela. (SUPERATLETAS ENTRAM EM AÇÃO JUNTOS E MOSTRAM ABISMO, 2008, s.p. apud MÜHLEN, 2009, p. 82).

A exposição midiática do corpo olímpico, aliada às conquistas e superações pessoais e atléticas, configura o emaranhado simbólico que institui o mito do personagem esportista. Incorporado ao mito do herói-atleta está o arsenal da indústria cultural que desperta anseios por vincular as conquistas e superações atléticas ao que pode ser facilmente consumido. Criando, portanto, uma proximidade entre o ídolo, o fã e o conceito publicitário que está à venda.

Figura 1: Foto 17 do dia 24/08/08 “Depois de ganhar todas as provas da natação em que disputou, o mito norte-americano posa com as oito medalhas douradas para revista”



Fonte: Site Terra (2008)

A imagem ilustra e ratifica a mediação temática da mídia a fim de manter o assunto em voga, tornando-se pertencente ao cotidiano, ditando e incorporando tendências (CASTRO, 2005).

Ainda, o mecanismo midiático utilizado sugere a (re) produção do arquétipo do atleta olímpico que perpassam categorias como: fenômeno, mito, campeão, forte, bem-sucedido, status sócio-econômico e cultural. Assim colocado, suscita e propaga no imaginário coletivo o mito do herói olímpico, ou melhor, o mito do herói que harmoniosamente e singularmente se inter-relaciona com a água.

A ciência marcou presença no Cubo d'água ao contracenar com incríveis performances aquáticas, as quais muitas foram apontadas como resultantes do uso do LZR Racer - o super-maiô que resultou de uma pesquisa de três anos entre a Nasa e a Speedo.

Michel Phelps representou com maestria o seu país e a Speedo com sua alta tecnologia ao conquistar o ouro nos 200m livres.

O traje, sem nenhuma costura, consegue um maior deslizamento na água. Tem placas de poliuretano, que melhoraram a flutuação, o que, em princípio, é proibido pelo regulamento da Federação Internacional de Natação (Fina). Mesmo assim, o equipamento foi liberado, provocando protestos de outros fornecedores de material esportivo para os atletas⁴.

O LZR foi questionado como doping tecnológico sendo *proibido* pela FINA desde janeiro de 2010. 89% das medalhas da

natação foram conquistadas por nadadores vestindo o maiô, sendo que dos 25 recordes mundiais 23 o LZR estava em cena⁵. É nesse emaranhado de artifícios disponíveis para se superar e superar o outro, que o atleta representa para a sociedade o exemplo a ser seguido.

O doping parece basear-se, nesse sentido, na idéia de que o organismo humano é um mecanismo complexo manipulável tecnicamente, e que os comportamentos e experiências humanas podem ser "melhorados" para além das aptidões tradicionais, tanto do ponto de vista físico quanto intelectual ou mesmo emocional. Mas essa é a lógica do treinamento corporal, de seus princípios e métodos, que pouco ou nada têm de "naturais". A condenação do doping nos faz, então, pensar sobre o próprio esporte e sua condição de produto, mas também de modelo para a sociedade contemporânea (VAZ, 2005, p. 33).

Oussama Mellouli foi campeão dos 1500m com 14:38.92 e o único nadador a ser vinculado explicitamente ao doping. No dia 17/08 foram divulgadas fotos e informações equivocadas acerca do nadador. Primeiramente o tempo da prova que segundo o site Terra foi de 14:40.84.

A sua história olímpica e ao que remete ao doping também foram erroneamente divulgados. De acordo com o site Terra, Mellouli é o único nadador a vencer a mesma prova individual em três Olimpíadas consecutivas. Porém, foi nesta edição de 2008 que o nadador conquistou o seu primeiro ouro. Por fim, o exame antidoping em que o nadador foi flagrado ocorreu em 2007 no Mundial de Melbourne, e não em 2006 nos EUA como consta no site Terra.

4 <<http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3131883-EI10378,00-Natacao+ve+mais+de+recordes+serem+dizimados.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

5 <http://en.wikipedia.org/wiki/LZR_Racer>. Acesso em: 20 de jul. 2011.

Figura 2: Foto 02 do dia 17/08/08 “Mellouli ficou suspenso por 18 meses, mas o nadador voltou e venceu a prova com 14min40s84”



Fonte: Site Terra (2008)

Concomitantemente a construção do herói olímpico surge a do vilão olímpico. Este assim se situa devido ao comportamento atlético inadequado entorno do esperado papel social do atleta, marginalizando-o assim pelo estigma do doping. Porém, o mesmo atleta flagrado no doping pode saltar do estigma à glória pelo cumprimento das exigências institucionais; suscitando dessa forma o tênue limiar entre herói X vilão e drogas moralmente aceitáveis, tais como os Esteróides Anabolizantes Androgênicos (SABINO, 2005).

Schwerin et al (1996 apud ASSUNÇÃO, 2002) notam que indivíduos que usam anabolizantes apresentam uma maior distorção de imagem corporal do que aqueles que não as utilizam. No que diz respeito ao tratamento da dismorfia muscular, não há qualquer descrição sistemática. Porém, usa-se a terapia cognitivo-comportamental que mostra ser útil nesse tratamento (ASSUNÇÃO, 2002).

Ainda a esse respeito e em diálogo com Fraga (2001) Mendes (2004, p. 92) ressalta que o doping é visto como necessário, uma vez que “[...] os defensores

da liberação do uso de drogas capazes de ampliar o rendimento dos atletas estão fundamentados na idéia de que os treinamentos desportivos chegaram ao limite, não sendo eficientes como em épocas anteriores”. Em contrapartida, atletas continuam a serem referências de hábitos saudáveis.

Já a construção do herói olímpico nacional foi uma *surpresa* resgatada posteriormente aos Jogos de Pequim. Nesta edição, a seleção brasileira de natação foi formada por 24 atletas, 14 homens e 10 mulheres, superando a marca dos 23 atletas em 2004.

A expectativa da natação brasileira nas Olimpíadas de Pequim era obter muitas medalhas em função das conquistas (oito medalhas, sendo seis de ouro) de Thiago Pereira no Pan-Americano do Rio de Janeiro em 2007. Contudo o seu rendimento nas Olimpíadas foi insatisfatório para ir ao pódio, trilhando assim o recomeço para as Olimpíadas de Londres de 2012, onde ganhou a medalha de prata nos 400m Medley. Em Londres superou a si mesmo e ao favorito, campeão e recordista olímpico da prova em 2008, Michel Phelps. Ainda, o seu tempo de prova

(4:08.86) quebrou o recorde sul-americano dos 400m Medley.

Habitando um corpo centro, um corpo que nasce da relação eu-outro, o atleta torna-se e molda-se corpo para si, para o outro, para a prática e para o elemento água. O atleta, por estar dentro da performance, cria e renova permanentemente o desenho de realizações excelentes e únicas, e formula juízos de gosto no que concerne à estética do seu movimento. Nesta criação, experiência a água e o leque de possibilidades associadas à imersão do seu corpo nesse elemento, vive o espaço, a presença do público, as cores, os sons..., cedendo lugar à experiência estética (FERNANDES; LACERDA, 2010, p. 182).

Já Cesar Cielo, virou a “[...] aposta para o primeiro ouro do Brasil” (legenda do site Terra – 14/08). Ao voar na piscina por 21.30 e quebrar o recorde olímpico se consagrou campeão nos 50m livre. O homem aquático mais rápido. Todavia, não se consagrou imediatamente como herói nacional. Parece que a trajetória se iniciou pelo próprio ator, “Nadador falou em “Cielomania” e alavancar sua modalidade em território nacional, assim como Gustavo Kuerten fez com o tênis” (legenda do site Terra – 19/08).

Projetos sociais envolvendo atletas de notoriedade internacional alavancam projetos comunitários esportivos, educacionais e de saúde, capitalizando suas imagens e seu capital cultural. Sena, Magic Paula, Hortência, Raí, Janete, Zico, Guga, Robert Scheidt e muitos outros, são exemplos de atletas, que através de suas Fundações tornam-se responsáveis por esse novo viés do esporte. Ou seria uma forma de imortalizar o corpo atlético e sua história de vida, marcar a sua presença no mundo? (ALVARENGA, 2004, p. 55-56).

Cesar Cielo e Maurren Maggi, saltadora olímpica, foram retratados chorando devido às conquistas olímpicas de ambos. Outros atletas choraram com pesar, sendo que ambas as abordagens foram valorizadas pelo site. Apesar de historicamente o choro estar vinculado a representação de feminilidade, nos Jogos houve a *permissão* aos homens para chorarem sem suas masculinidades serem questionadas. Isto, pois, ao ser atleta o indivíduo transcende a categoria de homem, possibilitando dessa forma o *choro olímpico* (MÜHLEN, 2009). Além de que a própria essência do esporte é a de sensibilizar o público, seja pelo sorriso ou pelo choro, despertando desejos e emoções.

Figura 3: Foto 11 do dia 16/08/08
“O brasileiro não conteve o choro dentro da piscina”



Fonte: Site Terra (2008)

Vale lembrar que, o ouro e o choro consagraram o nadador no imaginário nacional ao revelar os caminhos trilhados pelo nadador em busca de sua excelência estética e esportiva. A sua glória foi por conquistar pela primeira vez uma medalha dourada da natação nas Olimpíadas, desde a primeira participação do Brasil em 1920 com cinco atletas.

Além de um corpo forte, saudável e jovem tem que ser belo, tanto mulheres como homens em busca do capital corporal para a celebração de campeão. Esse é um dos papéis do ator em cena, representar o personagem que luta arduamente para o combate altamente técnico e tecnológico.

No dia 22 de Agosto de 2008 o site Terra divulgou uma seleção especial de musas que *despertaram desejos nos fãs*. A esse fato, corrobora a identificação de que,

A exploração do corpo e do desnudamento femininos contribui para o estabelecimento e para a justificação da ideologia publicitária, fundamento da ideologia do consumo. O ato de consumir perde sua monotonia se apresentado não simplesmente a partir do olhar sobre o objeto, não a partir da destruição do objeto pelo consumo, mas a partir do corpo feminino e do que ele evoca (LEFEBRE, 1991, p. 184 apud BRUHNS, 1995, p. 89).

Também divulgaram os musos dos Jogos de Pequim que foram denominados como *gatos que valem o ouro* (legenda do site Terra - 22/08). Mühlen (2009) constatou que para as mulheres e os homens terem sido considerados musas e musos tiveram que, além de apresentar bom desempenho atlético, serem belos. Parece, portanto, que a abordagem da beleza de homens e mulheres atletas foi párea. Porém, somente para os olhares mais distraídos. As fotos dos musos foram aliadas as suas performances olímpicas, já as das musas, as quais em alguns casos não tiveram um bom desempenho nos Jogos, congregaram somente a beleza e a sensualidade.

Diferentemente dessas variações entre as atletas, a única nadadora eleita como bela foi após a sua segunda conquista dourada.

Stephanie Rice, quebrou três recordes olímpicos nas provas (200m Medley, 400 m Medley e 4X200m livre) em que foi campeã e só foi denominada bela ao conquistar a sua segunda medalha. Nesse sentido, parece que a beleza foi aliada a performance. Contudo, a australiana, segundo o site Terra, é sensual apesar do seu porte atlética.

No que concerne o corpo feminino demarcado pela natação, a sua forma muscular parece incomodar o padrão de corpo hegemônico. Pois, “Sua presença parece ameaçar – e de fato ameaça – não apenas a representação do esporte como um território masculino mas ainda o próprio discurso da naturalização das diferenças corporais” (GOELLNER, 2006, p. ?).

O esporte, espaço público, manifesta-se como um espaço generificado e geneficador que segundo Goellner (2007, p. 184-185 apud MÜHLEN, 2009, p. 75),

Os gestos, as musculaturas, as roupas carregam significados sempre associados ao masculino e ao feminino, o que serve para justificar as representações de homens e atletas mulheres para determinadas modalidades. A elas a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno.

As fotos mostraram que a caracterização da modalidade, seja pelo desempenho atlético, pelo tempo, pela descrição da prova, pela técnica do nado, pela veracidade dos fatos, pelos próprios anúncios do site, pelas imagens submersas – recurso utilizado por profissionais da área a fim de analisar o nado em suas fases submersas, contudo somente os nadadores foram assim retratados pelo site – ou simplesmente pelo ato de nadar, foi narrada diferentemente para homens e mulheres. Versão também

encontrada na pesquisa Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra de Johanna Coelho Von Mühlen (2009).

Para os musos, a semelhança ao estudo de Mühlen (2009) foi maior. Obter um bom desempenho foi pré-requisito para a seleção. Aliado a performance atlética, palavras como o sorriso de Cielo coadjuvaram a beleza ao ato. “Sobre o nadador, ao longo dos dezessete dias de competições, nunca

foi dito que o mesmo era bonito, ou algo relacionado à beleza. Ou seja, ele “merece” ser muso por seu ouro olímpico e não por qualquer outro atributo físico que possamos atribuir a ele” (MÜHLEN, 2009, p. 92).

Ainda, a beleza de Oussama Mellouli foi denominada como exótica que resultou no encantamento das fãs. Enquanto *eles encantam, elas despertam desejos*. Abaixo segue o quadro de fotos das musas e dos musos da piscina olímpica a fim de elucidar as colocações acima.

Figura 4: Quadro de Fotos das Musas e Musos do dia 22/08/08 “1 A beldade australiana Stephanie Rice e o sorriso de ouro na natação”; “2 A nadadora australiana exibe boa forma e fatura dois ouros em provas individuais do nado medley”; “3 O porte atlético de nadadora não tira a sensualidade de Stephanie Rice”; “4 Nem precisava ter batido recorde, só por esse sorriso César Cielo já merece o ouro”; “5 A disputa na natação é decidida por milésimos de segundos. Fora da água fica mais fácil para Eamon Sullivan ganhar outro tipo de competição: o australiano está no topo dos mais belos dos Jogos”; “6 Que país não tem orgulho de ter um representante com a classe de Ryan Lochte?”; “7 A beleza exótica do tunisiano Oussama Mellouli encanta muitas fãs do esporte”



Fonte: Site Terra (2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Olimpíada, o maior evento esportivo mundial, retrata o cenário histórico e cultural de diversas sociedades por meio de atuações de seus representantes. O enfrentamento atlético perpassa o campo esportivo, provocando o embate entre nações, etnias e ideologias. No decorrer do tempo é notável a apropriação do esporte por amor e pela beleza, mais tarde para a saúde até o esporte pelo retorno financeiro. É nesse contexto que o corpo olímpico se reconstrói a cada edição.

O arquétipo do nadador olímpico de 2008 perpassou categorias como: fenômeno, mito, campeão, forte, bem-sucedido social e economicamente, saudável, jovem e belo. Além dessas categorias, foi possível notar a construção do papel social do atleta, seja ele, o de herói. Porém, para que exista o reconhecimento do herói se faz necessário reconhecer o vilão, o qual no papel de atleta o estigma pertence ao rol dos que descumprem com as exigências institucionais e legais, ou seja, os atletas envolvidos com o doping.

Discrepâncias entre nadadores e nadadoras foram perceptíveis no material empírico, suscitando outra categoria presente, a de gênero, sendo que a masculinidade é quem deteve o poder.

Na edição de Pequim foi possível assistir a supremacia dos EUA além do faturamento final de medalhas – no quadro geral ficou em 2º lugar com 110 medalhas, 10 medalhas a mais que o 1º lugar que ficou com a China, todavia 15 medalhas douradas a menos; já no quadro da natação o país foi imbatível com 31 medalhas no total, sendo 11 a mais que a Austrália que seqüenciou o ranqueamento – que pôde ser evidenciada

nas seguintes esferas: política, econômica, social e cultural.

Conota-se, portanto, que o portfólio do império norte-americano está enraizado no imaginário coletivo tanto para os que contracenam nas engrenagens da lógica do sistema, quanto aos que sob mecanismos institucionalizados, em especial a mídia, perpetuem a ideologia dominante. Reproduzindo assim, o estilo de vida norte-americano.

Ainda, foi possível notar um discurso contemporâneo norte-americano de eugenia que se revelou nas cenas atléticas por indiciar tendências para atributos corporais de beleza e de comportamentos.

Por fim, vale observar que a produção midiática possui interfaces discursivas que conscientemente compreendidas e refletidas, possibilitam elaborar mudanças no *statu quo*. Isto, pois, a desconstrução simbólica também é possível por existir continuamente a (re) construção.

Neste sentido, há possibilidades de atuação dos profissionais de Educação Física a fim de redimensionar o (s) significado (s) do esporte, em particular da natação, para que o atleta, ou o aspirante, perceba criticamente as interfaces no contexto atlético, respeite o seu ser corpo e inicie o processo de transformação social e cultural, o qual priorize e respeite a vida e o ser humano.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, João Paulo Pimentel. A produção midiática do corpo esportivo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 95 p.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

- ASSUNÇÃO, Sheila Seleri Marques. Dismorfia muscular. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 24, supl. III, p. 80-84, dez. 2002.
- BARDIN Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Corpo feminino na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.
- CASTRO, Ana Lúcia. Culto ao corpo: Identidades e estilos de vida. In: BUENO, Maria Lucia; CASTRO, Ana Lúcia (Orgs.). **Corpo território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- FERNANDES, Rita; LACERDA, Tereza. Experiência estética do nadador. Um estudo a partir da perspectiva de atletas de natação de alto rendimento. **Revista Portuguesa de Ciência Desportiva**, Porto, v. 10, n. 1, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. In: trabalho apresentado em mesa-redonda no **Seminário Feminismos: epistemologias e história**, Porto Alegre, 2006.
- MENDES, Maria Isabel Brandão. Educação Física: Prisioneira do século XIX? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 85-96, janeiro, 2004.
- MÜHLEN, Johanna Coelho von, Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 133 p. **Dissertação** (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.
- PIPINIS, Thiago Teixeira. História da natação olímpica brasileira. São Paulo: UNIBAN, 2006. 59 p. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação), Universidade Bandeirante de São Paulo, São Paulo, 2006.
- RUBIO, Kátia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. VI, n. 119 (95), agosto, 2002.
- SABINO, Cesar. O uso ritual de esteróides anabolizantes em academias de musculação. Uma abordagem antropológica. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-16, janeiro/junho, 2005.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Espaço e realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Identidade corporal. **Corpo, Prazer e Movimento**. São Paulo: Sesc, 2003.
- SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 12, n. 3, 2009.
- SILVA, Maria Lúcia; RUBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.
- STIGEER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

VAZ, Alexandre Fernandez. Doping, Esporte, Performance: notas sobre os "limites" do corpo. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 23-36, set. 2005.

VOTRE, Sebastião Josué (orgs.). Etnografia da Representação social atividade

físico-esportivo. **Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

The Olympic Body in a Water Cube

Abstract

The olympic body is inscribed as a reference body and in constant transformation; a kaleidoscope of social and cultural attributions, it has been occupying a peculiar space both past and present. In this sense, it has been thought of the possible olympic swimmers body representations that was broadcasted by Terra's website in 2008. For this, the methodology used was the analysis of 391 photos and its respective captions about the topic here proposed.

Keywords: Olympic body; swimming; Terra website.

Recebido em: março/2012

Aprovado em: julho/2012